

A origem do preconceito em Allport como obstáculo ao diálogo inter-religioso

The origin of prejudice in Allport as an obstacle to inter-religious dialogue

Angelina Carr Ribeiro Martins¹
martinslondrina@hotmail.com

Resumo

Discutiremos neste artigo o preconceito como obstáculo ao diálogo inter-religioso, para o qual, Gordon Allport, psicólogo estadunidense, nos aponta um caminho. Segundo ele, o preconceito tem suas fontes na defesa apaixonada dos valores pessoais que levantam muros de proteção e veem os outros como ameaça. A comodidade das generalizações e categorias simplistas impulsionam a formação de estereótipos, os quais tornam naturais ideias e atitudes hostis, que, na verdade, nem possuem fundamento, pois pertencem ao universo subjetivo. Neste sentido, utilizaremos também a teoria de Bachelard sobre a importância do distanciamento afetivo para o melhor entendimento de um objeto de estudo. Conscientes de que o preconceito também é influenciado pelo período histórico e pelas diferenças culturais e religiosas, iremos entrecruzar os conceitos de Allport com os modelos utilizados pela teologia do pluralismo religioso a fim de verificarmos se existe realmente uma aproximação que esclareça as dificuldades e os desafios impostos às relações inter-religiosas, e até mesmo pessoais, para que se avance na compreensão e aceitação das diferenças.

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso; Preconceito; Generalizações; Universo subjetivo; Distanciamento afetivo.

Abstract

We will discuss in this article prejudice as an obstacle to interreligious dialogue, for which, Allport, American psychologist, points us a way. According to him, prejudice has its sources in the passionate defense of personal values that raise walls of protection and see others as a threat. The convenience of generalizations and simplistic categories impel the formation of stereotypes, which make natural ideas and hostile attitudes, which, in fact, have no foundation because they belong to the subjective universe. In this sense, we will also use Bachelard's theory about the importance of affective detachment for the better understanding of an object of study. Conscious of the fact that prejudice is also influenced by the historical period and by cultural and religious differences, we will intersect Allport's concepts with the models used by the theology of religious pluralism, in order to verify if there is really an approximation that clarifies the difficulties and challenges imposed on the interreligious relations, and even personal relations, so that progress can be made in understanding and accepting differences.

¹ Especialista em Relações Internacionais e Diplomacia pela UNISINOS; Mestre em Ciência da Religião e Doutoranda em Ciência da Religião pela PUC-SP.

Keywords: Interreligious Dialogue; Prejudice; Generalizations; Subjective universe; Affective distancing.

Introdução

O presente artigo busca responder se o preconceito, como obstáculo ao diálogo inter-religioso, pode situar-se a partir dos valores pessoais, categoria utilizada pelo psicólogo estadunidense Gordon Allport em sua análise da origem do preconceito. Também nos apoiamos no conceito trazido pelo filósofo Gaston Bachelard no que tange à ruptura com o preconceito no processo de produção do conhecimento, o espírito científico, por entendermos que a capacidade de abstração, a recepção da crítica e o distanciamento afetivo tem a ver com a questão das generalizações e a formação de estereótipos, vinculados à formação de ideias preconceituosas, pré-conceitos e do incitamento ao ódio.

O processo histórico do desenvolvimento do diálogo inter-religioso demonstra o quão foi presente, e ainda persiste, o preconceito em relação à crença do Outro, sustentado, sobretudo, em relação às premissas da verdade e superioridade, apesar do grande avanço desde o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), considerado o marco de abertura ao diálogo entre a Igreja católica romana e as demais tradições religiosas mundiais.

A importância do diálogo insere-se no contexto da globalização, entretanto, está diante do conceito de interculturalidade que não é uma mera justaposição ou coexistência, como ocorre na multiculturalidade, mas sim o encontro harmônico e simétrico de crenças, ideias, civilizações e culturas. Além disso, reconhece que as culturas estão em processo, por isso lança um novo olhar sobre as relações que emergem nas sociedades contemporâneas. Por isso, seu desafio no âmbito do diálogo inter-religioso situa-se na articulação entre os valores pessoais, universais e as diferentes identidades culturais e religiosas, que dependem desta relação dialógica, aberta, crítica e autocrítica.

Para o nosso objeto acreditamos que o preconceito na visão da psicologia traz a hipótese de que o preconceito religioso tem suas fontes na defesa apaixonada dos valores pessoais que levantam muros de proteção e veem os Outros como ameaça, e

assim, a comodidade das generalizações e categorias simplistas, impulsionam a formação de estereótipos os quais tornam naturais ideias e atitudes hostis, que, na verdade, nem possuem fundamento, pois pertencem ao universo subjetivo.

Assim, ao entrecruzarmos os conceitos de Allport e Bachelard, o preconceito e a ruptura, com os modelos utilizados pela teologia das religiões, ou teologia do pluralismo religioso, iremos verificar se existe realmente uma aproximação que esclareça as dificuldades e desafios impostos às relações inter-religiosas, e até mesmo pessoais, para que se avance na compreensão e aceitação das diferenças.

1. A formação do preconceito em Allport

Gordon Allport, psicólogo estadunidense, considera que há uma facilidade nos seres humanos em manifestar atitudes voltadas ao preconceito étnico, porque existe uma potencialidade natural e comum da mente humana para tais atitudes. Essa naturalidade se dá em condições básicas da vida e do pensamento humanos que conduzem à formação dos preconceitos equivocados e categóricos, portanto, os elementos que constituem ou dão suporte ao preconceito são as generalizações e a hostilidade. (Allport, 1954)

O desenvolvimento do preconceito ocorre a partir de muitos fatores que operam simultaneamente, como os culturais, emocionais, fatores pessoais, e o que iremos investigar no presente artigo, ou seja, a possibilidade de estabelecermos um elo entre tais fatores apontados por Allport, como origem do preconceito religioso que afeta diretamente o diálogo entre religiões e o convívio social.

Alguns aspectos relevantes, no que tange aos motivos que levam à unidade diferentes grupos humanos, são as afinidades que facilitam a convivência. Por exemplo, grupos que se aproximam em função da preservação da cultura, da religião, da facilidade da língua, de lembranças do passado, classe social e econômica, ou etnia, para citar alguns exemplos. Por outro lado, mesmo que haja uma aproximação física entre diferentes grupos, como um local de trabalho comum, a distância emocional ainda pode estar presente.

A aproximação social, juntamente com a falta de conhecimento da cultura do Outro, abre caminho para categorias saturadas de conotações emocionais decorrentes de experiências isoladas, e de pensamentos generalizantes distorcidos, a partir dos quais tal

processo de categorização tende a encontrar terreno para desenvolver-se e preparar as condições para que se formem os estereótipos.

Um outro olhar, segundo Allport, também pode considerar as categorias e generalizações, as bases que sustentam e organizam as sociedades. Elas são essenciais para nossa vida mental, e neste sentido, as categorias não são vistas como o tipo de preconceito errôneo, mas aquele sem o qual não é possível viver em uma sociedade, pois a mente humana pensa a partir de categorias, que, segundo o autor, possuem cinco características:

- a) Construção de classes e agrupamentos amplos que guiam nossas configurações diárias. Nossas experiências tendem a se conformar a estes agrupamentos, que abarcam conceitos e categorias de forma racional, em probabilidades de acordo com certas categorias. Estas categorias são sobrepostas, isso significa que uma nova ideia é construída a partir de outra antiga, uma nova experiência é inserida em categorias mentais antigas. Por conseguinte, não é possível uma mente totalmente aberta.
- b) A categorização que assimila o quanto possível o agrupamento. Caracteriza-se por sua facilidade em não lidar com os detalhes, mas em agrupar os problemas em uma determinada categoria satisfatória que irá pré-julgar uma solução.
- c) A categoria que permite identificar rapidamente um objeto por suas características comuns. A categoria dominante ativa em nossa mente os conceitos relativos a um grupo, pessoa, etnia. Há uma relação estreita entre as categorias e o modo como julgamos o que vemos e até o que fazemos, esse mecanismo facilita a percepção e conduta humanas.
- d) A categoria que satura tudo com as mesmas conotações emocionais, (que carregam um sentimento) e ideias a respeito de algo ou alguém. Estas categorias são chamadas de conceitos (categorias intelectuais) constituídos a partir de nossas experiências, que muitas vezes carregam mais que uma ideia, mas um aspecto emocional, portanto, podem vir acompanhadas de agrado ou desagrado. Esta é especialmente interessante para o presente artigo.
- e) As categorias que podem ser mais ou menos racionais. As categorias racionais possuem um gérmen de verdade, que é ampliado e solidificado se a experiência

o acompanha e corrobora. O problema das categorias racionais é a generalização, ou seja, a afirmação de que “todos” ou “tudo” se encaixa em determinada categoria. As categorias irracionais se formam tão facilmente quanto as categorias racionais, mas não se ancoram nas evidências, entretanto, podem até contradizê-las, o que conduz a equívocos, ou ainda pior, simplesmente à negação de tais evidências, dando espaço aos rumores, fantasias e projeções emocionais, mesmo sabendo que podem ser um erro. Por isso, este é o tipo de preconceito mais estranho, segundo o autor, pois é praticado deliberadamente. Outro problema ainda são as informações de segunda mão, das quais não se tem outra opção para definir determinados conceitos, senão aquelas apresentadas.

O problema é que o conteúdo das generalizações, dos conceitos e categorias simplificam muito o mundo da experiência, e na maioria das vezes, as categorias são resistentes à mudança. A seletividade proporcionada pelas categorias é admitida quando confirma nossas crenças prévias, ao passo que uma evidência que lhe seja contrária é recebida com resistência. Existe um mecanismo mental, que, mesmo diante de evidências contrárias, permite manter-nos firmes ao preconceito, é a admissão de que existem exceções. Assim, as evidências contrárias não são admitidas, apenas reconhecidas superficialmente. Quanto às generalizações, estas funcionam bem porque são cômodas, admitem tais evidências em razão e as acomodam.

Em resumo, categorias racionais generalizantes carregam experiências que as corroboram; categorias irracionais carregam sentimentos que intensificam a emoção e podem mascarar a evidência dos fatos. Os valores pessoais são a base de toda a existência humana e levam aos preconceitos injustificados, que por sua vez levam aos *preconceitos de amor*.

1.1 Valores pessoais como categoria e preconceito: o pré-julgamento de amor é responsável pelo preconceito de ódio.

As categorias mais importantes são seus próprios valores pessoais, pelos e para os quais, por um lado, submetem e acomodam as evidências e a razão, porém, não de forma reflexiva, e por outro, proporcionam um modo de vida integrado. Assim, é

inevitável que o pensamento seja parcial, pois não se apoia nas evidências externas e nos problemas objetivos. Portanto, os conceitos pré-formados são derivados dos valores pessoais.

A crítica precede o amor próprio e o fortalece, o *preconceito de amor* generaliza em excesso nossas categorias de afeto, exagera, por exemplo, nosso patriotismo, o orgulho dos antepassados e da própria cultura. Quando os valores pessoais sofrem algum tipo de ameaça ou oposição, o mecanismo de defesa ergue cercas de proteção ao redor do que se ama, atacando ou subestimando os demais, o amor próprio é fortalecido, superestimado, e o Outro é depreciado. Portanto, o preconceito negativo reflete o sistema de valores no qual a contradição encontra-se pelo fato de que, afirmar o modo de vida próprio, com frequência, nos conduz ao preconceito, ou seja, um preconceito de ódio germina de um *preconceito de amor*. A chave desta categoria está no exagero, em sentir por um objeto mais do que é justo sentir, que ainda carrega uma dose de incompreensão, por isso a resistência.

Se as categorias construídas a partir de valores pessoais levam à hostilidade, então, causam prejuízo à sociedade, deste modo temos a configuração do preconceito. O que as pessoas sabem sobre os fatos, o que sentem, suas crenças e atitudes dão corpo à experiência.

2. A relação entre a construção do pensamento científico e o preconceito em Bachelard

Em Bachelard (1938) observamos que ao retratar a formação do espírito científico, o autor traz a importância dos erros retificados, e faz a distinção entre experiência científica e a comum:

A experiência que não retifica nenhum erro, que é monotonamente verdadeira, sem discussão, para que serve? A experiência *científica* é, portanto, uma experiência que *contradiz* a experiência *comum*. [...] A experiência comum não é de fato *construída*; no máximo, é feita de observações justapostas [...] Como a experiência comum não é construída, não poderá ser, achamos nós, efetivamente *verificada*. Ela permanece um fato. Não pode criar uma lei. Para confirmar cientificamente a verdade, é preciso confrontá-la com vários e diferentes pontos de vista. (Bachelard, 1938, p. 14)

Esta justaposição nos permite formar um paralelo entre o pensamento científico e o desenvolvimento do preconceito na mente humana segundo Allport, e ainda entender melhor sua formação a partir de justaposições de observações errôneas e a formação da experiência comum, ou seja, “o caráter de *obstáculo* que tem toda experiência que se pretende concreta e real, natural e imediata”. (Bachelard, 1938, p. 9)

Ocorre que, o pensar e o refletir a respeito de algo ou uma ideia, sempre produzirá algum tipo de sombra sobre o conhecimento real. São necessários argumentos e críticas que lancem luz sobre o conhecimento, o pensamento e os preconceitos, assim, a capacidade de abstração se fortalece neste processo, e dá oportunidade para um novo pensar, refletir e questionar,

Pensar uma experiência é, assim, mostrar a coerência de um pluralismo inicial [...] No fundo, o ato de conhecer dá-se *contra* um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos [...] Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber. (Bachelard, 1938, p. 9,16,18)

Neste ponto o autor nos apresenta o obstáculo epistemológico que surge a partir da falta de questionamento de um conhecimento. Portanto, as questões devem ser formuladas com clareza, um problema deve ser conhecido e bem formulado a fim de ser investigado. Assim, o primeiro obstáculo à produção do conhecimento na perspectiva da ciência a ser superado é a opinião, pois esta opõe-se ao conhecimento do objeto, vê apenas sua utilidade proveniente de uma necessidade, traduzida como conhecimento, sem questioná-lo.

Entrecruzar o conceito de obstáculo em Bachelard e a diferenciação que Allport faz entre as generalizações e as categorias (racionais ou irracionais), no sentido de recepção/rejeição, acomodação/mudança às novas ideias, podemos observar que, como afirma o primeiro, “Hábitos intelectuais que foram úteis e sadios podem, com o tempo, entravar a pesquisa. Bergson diz com justeza: ‘Nosso espírito tem a tendência irresistível de considerar como mais clara a ideia que costuma utilizar com frequência’”, por conseguinte, valores e ideias dominantes polarizam a circulação de outros valores e ideias. Portanto, já que as categorias fazem parte dos valores pessoais, e por elas são construídos, os valores pessoais interferem nos argumentos, na percepção e na ideia formada a respeito do Outro, do mesmo modo o hábito intelectual interfere no

desenvolvimento de uma pesquisa, pois traz uma lógica que fortalece preconceitos e cria obstáculos à sua superação.

Outra questão apontada por Bachelard é a necessidade de mudança imposta pelas invenções científicas, o que poderíamos estender para as grandes mudanças das quais as sociedades têm vivenciado, e, em consequência, impelidas a adaptar-se seja no nível pessoal como institucional, que afetam tanto o âmbito público como o privado. No presente artigo, estas mudanças incluem a questão da diversidade religiosa, a convivência trazida pelo processo de globalização, migração e a expansão dos meios de comunicação, fatos que fizeram emergir sociedades caracterizadas pela interculturalidade, onde a face do preconceito aparece.

Não há mais um universo religioso e cultural, mas sim um pluriverso de identidades e valores. Isto implica, voltando a Bachelard, que, para que haja o crescimento do pensamento é necessária uma reorganização do sistema do saber, ou seja, saber é questionar, e a comodidade não faz parte do espírito científico. Os conceitos são construídos e reconstruídos, um conceito está relacionado a outro e dá origem a outro.

O saber implica em abertura e movimento despojados do afeto ao “objeto”, aquele que segundo Allport exagera e dá origem ao *preconceito de amor* cuja base são os valores pessoais. Enfim, o saber científico se abre ao diálogo com todas as possibilidades que permitem à razão evoluir e nele o preconceito pode ser desconstruído.

Disso decorre que, a “experiência primeira”, que segundo Bachelard se coloca antes e acima da crítica, constituindo, portanto, juntamente com a *opinião* citada anteriormente, constituem o primeiro obstáculo à formação do espírito científico. Pelo que foi colocado até o momento, seria possível afirmar que o preconceito em relação ao Outro, à sua cultura e religião é construído quando fatos são mal interpretados, conceitos diferentes, com teor depreciativo, são aplicados à mesma palavra, e ainda, quando ideias, experiências e opiniões particulares são generalizadas, sem o devido distanciamento e crítica. Do mesmo modo que surge o obstáculo epistemológico, podemos considerar a mesma dinâmica no que se refere à origem e desenvolvimento de preconceitos, podendo ser estendidos à esfera das relações inter-religiosas.

Uma transposição destas categorias para as dimensões em que o diálogo inter-religioso ocorre e a tipologia utilizada para entender seu desenvolvimento em processos de maior abertura ou resistência, surge a hipótese de que os valores pessoais construídos a partir de categorias e generalizações, são responsáveis, inclusive, pela dificuldade em expandir o diálogo entre as religiões, e permeiam tanto a religião em nível institucional quanto pessoal, corroborando com a afirmação de Bachelard (1938, p. 193) “psicologicamente, não há verdade sem erro retificado. A psicologia da atitude objetiva é a história de nossos erros pessoais”.

3. A Evolução do Diálogo inter-religioso e suas tipologias

Construir uma relação entre preconceito e diálogo inter-religioso coloca em pauta justamente compreender a evolução do próprio processo de construção e reconhecimento da importância do diálogo entre as religiões, mais precisamente após o Concílio Ecumênico Vaticano II e a promulgação da Declaração *Nostra Aetate*.

A multidimensionalidade do objeto religião reflete a complexidade que envolve, tanto sua definição, quanto o próprio diálogo entre as religiões. Atualmente, o entendimento do processo de evolução do diálogo entre as religiões pode ser considerado a partir de uma visão mais ampla, que dialoga com o estudo das religiões em abordagens provenientes de diferentes áreas, por exemplo: antropologia, etnologia, estética, geografia, história (oral e escrita), psicologia, sociologia, e, da teologia. O intercâmbio entre os diferentes referenciais teóricos, devidamente contextualizados, tem alimentado o conhecimento disponível até o presente. Isto insere a produção do conhecimento na mentalidade de determinados períodos, com seus limites, conceitos e pré-conceitos. Do mesmo modo ocorre em relação às tensões e tentativas de diálogo entre as religiões, que são produtos de seu tempo. Diante disso, conceitos têm sido revisitados com a emergência dos Estudos pós-coloniais, a crítica ao capitalismo, ao orientalismo e africanismo, e à epistemologia ocidental.

Portanto, o estudo das religiões e o diálogo entre elas seguem o rastro temporal e geográfico deixados por seres humanos. No que diz respeito ao estudo das religiões, este foi marcado por duas tendências, “a) o crescente conhecimento sobre outras

culturas, inclusive suas características religiosas; b) a crescente submissão do estudo das religiões ao pensamento científico-racional em desfavor das abordagens apologéticas e exigências dogmáticas”. (Usarski, 2013, p. 52)

O estudo das religiões ampliou a noção de religião e das diferenças entre as religiões abrindo possibilidades importantes para o desenvolvimento do diálogo inter-religioso e evidenciou a presença de diferentes formas de preconceitos como obstáculos ao encontro. O conteúdo destas pesquisas trouxe noções que esclarecem importantes aspectos que compõem os sistemas de crenças e caracterizam as religiões, porém, a busca por categorias universais foi um aspecto limitante no processo de compreensão, haja vista a prevalência da premissa da superioridade. Concepções de mundo e do ser baseadas na visão monista ou dualista, aspectos soteriológicos, dimensões ética e moral, as relações com os ancestrais, com a natureza e os animais, ou mesmo os conceitos de imanência e transcendência ou ainda de ressurreição e reencarnação, são apenas alguns exemplos que estão na base das diferenças e das múltiplas interpretações carregadas de valores pessoais, paixão e afeto.

Ainda assim, o conhecimento tem contribuído para uma percepção mais clara das religiões que reflete na aproximação entre elas e no desenvolvimento de suas relações, ora como facilitador, ora erguendo barreiras intransponíveis, das quais iremos expor em conformidade com o que foi apresentado nas considerações de Allport. Apesar das múltiplas cosmovisões, estas não estão fechadas ou incomunicáveis entre si, mas estão em constante intercâmbio, reformulação e evolução.

Os pesquisadores das diferentes religiões tornaram mais próximos seus textos sagrados e o ideal de seus fundadores, suas pesquisas proporcionaram uma compreensão mais profunda da estrutura das tradições religiosas. Entretanto, de um lado contribuíram para abrir novos horizontes do conhecimento, e de outro, ajudaram a formar ou sustentar paradigmas, esses, tanto na perspectiva da produção de conhecimento quanto a interferência de valores pessoais. Neste ponto trazemos as limitações impostas pelas afirmações de Bachelard quanto aos obstáculos epistemológicos, os quais estavam presentes em cada tempo e se estendem ao processo de produção científica em sua capacidade de abstração.

Nesta trajetória, as diferentes abordagens forneceram subsídios para o desenvolvimento de uma compreensão intercultural. Neste contexto, a teologia do

pluralismo religioso e suas respectivas tipologias ou modelos teológicos, surgiram após o Concílio Ecumênico Vaticano II como produto de seu tempo, e em reação às demandas decorrentes do período, que ampliou sua compreensão da relação do cristianismo com as outras religiões, mas também em resposta às demandas do século XX, como as teologias da libertação, feminista, inter-religiosa, intercultural e pós-colonial, entre outras, que têm surgido, inclusive, em outras tradições.

Portanto, o encontro entre culturas e religiões foi recorrente no processo histórico, em que o padrão de cada discurso demonstrou seu poder construtivo ou destrutivo sob três pilares: a) o poder do discurso religioso para produzir e reproduzir conhecimentos e crenças por meio de diferentes modos de representar a realidade; b) estabelecer relações sociais; c) criar, reforçar ou reconstituir identidades. Por causa destes aspectos houve nas relações inter-religiosas situações de confronto e preconceito, mas também aquelas voltadas ao encontro e à descoberta do Outro.

Embora a importância do diálogo tenha sido reconhecida somente na segunda metade do século XX, os encontros entre as tradições ocorreram fora do universo cristão muitos séculos antes, mas foram exceções, “Com efeito, foram raros os diálogos registrados por escrito; os que chegaram até nós, corresponderam ao espírito do tempo, que era o da polêmica e da controvérsia”. Por isso, o diálogo inter-religioso é fruto de um longo processo que se desenrola à margem de motivações provenientes de lideranças religiosas (Basset, 1999, p. 70, tradução nossa)

Na tradição cristã, a evolução do diálogo pode ser identificada desde suas origens, entretanto, seu desenvolvimento deu-se em conformidade com a mentalidade de cada tempo, cuja característica principal foi a prevalência da postura de superioridade em relação aos demais sistemas de crenças e tradições religiosas mundiais. Isso nos insere na questão dos valores pessoais e ao *preconceito de amor*, citado por Allport, que leva ao ódio. Vale lembrar que isso não exige outras tradições religiosas de adotarem a mesma postura, tanto no passado, como no presente.

Desde os primeiros séculos de nossa era foram difundidas três modalidades de diálogo que se caracterizaram pelo aspecto ligado ao âmbito da comunicação de ideias, mas não do encontro: a) apologético; b) teológico; c) espiritual. Podemos identificar a teoria de Allport nestas modalidades:

a) O *diálogo apologético* ocorre quando uma tradição se opõe à outra, mediante uma disputa em uma relação de forças;

b) O *diálogo teológico* é aquele visto a partir de uma tradição, em que é destacado um determinado aspecto em oposição às outras posições. O diálogo teológico evoluiu e abriu possibilidades de compreensão para além do cristianismo, como veremos mais adiante;

c) Já o *diálogo espiritual* se refere à esfera da espiritualidade individual, uma expressão pessoal da fé do crente em seu Deus, ou naquele que o representa. No diálogo com outras tradições religiosas as expressões e práticas de cada uma têm conquistado espaço e favorecido a relação inter-religiosa, são meios pelos quais se estabelece um tipo de comunicação, cujo eixo está na experiência religiosa. Entretanto, esta modalidade é tanto um espaço flexível de encontro quanto o seu oposto, pois pode ser recebida com receio, principalmente, de um sincretismo que desconfigure a identidade de cada tradição.

A dinâmica do diálogo pode ser entendida por meio de tipologias que estruturam o diálogo da seguinte forma: 1. *Quantitativamente*: tipologia do diálogo em níveis de leitura; 2. *Qualitativamente*: tipologias que discutem o significado do diálogo e os campos de aplicação que o direcionarão. Um terceiro tópico foi colocado para as tipologias desenvolvidas no âmbito da teologia das religiões, o que mais nos interessa neste artigo. (Basset, 1999)

3.1 A tipologia do diálogo em níveis de leitura em função de dados quantificáveis.

Significa sua configuração e organização em termos de número de pessoas e tradições religiosas representadas, quem são estas pessoas e qual o objetivo do diálogo. Assim, os meios postos para sua efetivação podem ser divididos a partir de uma tipologia que abrange três níveis: *a forma, a natureza e o compromisso do diálogo*, havendo o intercruzamento entre elas. Todas carregam o potencial de aproximação por maiores afinidades de grupos, ou não, e ocorrem de diferentes formas, facilitando ou não o diálogo.

3.1.1 Quanto à forma ou estrutura do diálogo: a) Local: mesma realidade sociopolítica e cultural; b) Internacional: envolve especialistas, professores, universidades e missionários de vários países; c) Restringido: número restrito de

participantes com vínculos de confiança; d) Ampliado: número ampliado de participantes sem vínculos pessoais, ênfase no tema abordado, não nas relações pessoais; e) Bilateral; f) Multilateral.

3.1.2 Quanto à natureza: enfatiza os participantes envolvidos, por exemplo: a) Ação voltada ao compromisso social, familiar e profissional: Leigos; b) Ênfase na comunidade e nas práticas religiosas: Caciques e Pajés, Imãs, Pastores (as), Rabinos (as), Padres, Xeiques; c) Ligados aos conceitos e ensino religiosos: Teólogos (as), Mestres; d) Voltados à experiência religiosa: Imãs, Gurus, Pais e Mães de Santo, Pastores (as), *Roshis*, Religiosos (as) católicos (aqui também estão incluídos leigos católicos, protestantes e evangélicos), Xamãs (ou Pajés no Brasil).

3.1.3 Quanto ao compromisso do diálogo: diz respeito à finalidade, ao objetivo implícito ou explícito do diálogo, e sua razão de ser.

3.2 As tipologias que discutem o significado do *diálogo inter-religioso* e seus campos de aplicação.

Estas permitem uma compreensão mais profunda do termo, suas características ou qualidades. A discussão da evolução do conceito de diálogo desenvolveu-se ao longo do século XX, e suas formulações ocorreram tanto no meio religioso, quanto acadêmico. No âmbito acadêmico, entre 1967 e 1983, pensadores como Richard W. Taylor (1925-1988), Eric John Sharp (1933-2000) e Arvind Sharma (1940) atribuíram vários significados ao diálogo, aprimorando-os ao longo das décadas, e contribuindo para seu desenvolvimento e o entendimento de sua abrangência. Assim, seus estudos possibilitaram a organização de uma tipologia em relação aos seus campos de aplicação, cujos significados resultaram em quatro propostas atribuídas por cada pesquisador. São elas, respectivamente:

3.2.1 Taylor: a) *Diálogo socrático*: realizado a partir de um questionamento mútuo sobre um tema específico; b) *Diálogo no sentido de Martin Buber*: como presença existencial do outro; e c) *Diálogo discursivo*: mais abstrato e analítico; d) *Diálogo pedagógico*: entre professor e alunos.

3.2.2 Sharp: a) *Diálogo discursivo*: derivado do debate dialético, orientado ao conhecimento adequado das tradições presentes, onde assuntos específicos são abordados; b) *Diálogo buberiano*: escuto o Outro tal como ele entende; c) *Diálogo*

secular: determinado pelos problemas sociais e políticos que os crentes têm que lidar; d) *Diálogo interior*: que enfatiza a dimensão contemplativa e mística das tradições religiosas, oração e a meditação.

3.2.3 Sharma: a) *Diálogo Teológico*: visto a partir de uma determinada tradição; b) *Diálogo Pessoal*: no sentido existencial, o diálogo com Deus; c) *Diálogo acadêmico*: que associa o desejo científico à sensibilidade; d) *Diálogo Criativo*: contribuição dos crentes para o desafio das questões modernas. Tal tipologia permite seu desdobramento para as relações inter-religiosas recentes.

3.3 Tipologias desenvolvidas no âmbito da teologia do pluralismo religioso.

Aqui são consideradas diferentes propostas de pensadores cristãos envolvidos com o tema. A teologia do pluralismo religioso primeiro desenvolveu-se na Ásia, depois no Ocidente com as grandes religiões mundiais, e mais recentemente, na América Latina, no diálogo com as tradições indígenas e de matriz africana, que tem adquirido mais importância com a contribuição de estudos locais. Entre os principais cultivadores contemporâneos do diálogo inter-religioso, católicos e protestantes, estão: Louis Massignon (1883-1962), Thomas Merton (1915-1968), Raimon Panikkar (1918-2010), Wilfred Cantwell Smith (1916-2000), John Hick (1922-2012), George Arthur Lindbeck (1923), Tissa Balasuriya (1924-2013), Jacques Dupuis (1924-2005), Claude Geffré (1926), Hans Küng (1928), Aloysius Pieris (1934), Roger Haigh (1936), Paul F. Knitter (1939), Andrés Torres Queiruga (1940), Michael Amaladoss (1941), José Maria Vigil (1946), Juan José Tamayo (1946), Mark S. Heim (1950), Francis Xavier Clonney (1950) e James L. Fredericks.

As categorias para uma tipologia que considere a evolução do diálogo inter-religioso dentro do cristianismo são insuficientes para lidar com as complexas características do universo religioso das tradições mundiais, por este motivo não é um tema esgotado. A teologia do pluralismo religioso apresenta uma tipologia, ou modalidades discursivas mais gerais que identificam diferentes posturas utilizadas para fins didáticos. Considerando que partem de um determinado campo de visão, o cristão, devem ter uma aplicação mais cuidadosa.

Cada cultura e tradição religiosa possui lentes e filtros pelos quais a diversidade e a alteridade determinarão a leitura em relação às demais, mas nem por isso poder-se-ia deixar de considerar o fator preconceito, discurso e a dificuldade de abertura para uma

nova ideia desprendida dos afetos, para uma análise racional. Estas categorias irão caracterizar o diálogo, ora em questões que permitirão uma abertura e um vínculo maiores, ora em pontos em que as diferenças serão de fato incompatíveis, a unidade não significa uniformidade. As investigações teológicas têm produzido uma variedade de interpretações. Além disso, no fluxo da história, das mudanças decorrentes das demandas impostas pela modernidade e do processo de globalização, todas as tradições são chamadas a definir e redefinir suas posturas e discursos diante das demais. O encontro as tem transformado e conduzido à reflexão diante de tais fatos.

4. O preconceito como obstáculo ao Diálogo inter-religioso

Neste ponto adentramos de forma mais específica nas dificuldades impostas ao diálogo inter-religioso e a questão do preconceito em Allport, cuja categoria escolhida foi aquela que abarca os valores pessoais ou, o *preconceito de amor*. Acerca da legitimidade salvífica de cada religião, foi a partir da década de 1980 que se destacaram três modelos de relações inter-religiosas na literatura, discutidas entre os teólogos cristãos que promoveram a evolução de posturas mais fundamentalistas para pluralistas, das quais não há intensão de explicá-las haja vista que é um assunto bem difundido. No entanto, iremos mencioná-las para na sequência introduzir a relação com a questão do preconceito e os limites impostos ao diálogo.

O teólogo católico Roger Haight definiu quatro posturas ou modelos nos quais dispõe a relação de Jesus Cristo com a salvação humana:

- a) Exclusivismo
- b) Inclusivismo constitutivo
- c) Normatividade não constitutiva
- d) Pluralismo

Paul F. Knitter redefiniu uma nova tipologia para relação do cristianismo com as demais religiões, também dividida em quatro modelos:

- a) Substituição
- b) Complementação
- c) Mutualidade ou reciprocidade
- d) Aceitação

Todos acompanhando a dinâmica da evolução do conceito do diálogo e a superação de posturas mais fechadas em um grande esforço de abertura, seja por

aproximações éticas, místicas, filosóficas, que, no entanto, pode-se discutir o descompasso entre estas ações promovidas na cúpula e a que chega na base, o fiel.

Um quinto modelo é apresentado pelo teólogo espanhol Juan José Tamayo: a teologia inter-religiosa, intercultural e pós-colonial da libertação, que propõe o encontro entre as teologias da libertação, do pluralismo religioso, feminista e pós-colonial, ou, uma teologia inter-religiosa, intercultural e pós-colonial da libertação. Esta proposta considera o diálogo na perspectiva das vítimas, e deve ser estabelecido entre todas as religiões e culturas, evitando todo colonialismo religioso e cultural, o patriarcalismo teológico, a hierarquização das religiões e de seus textos sagrados, incorporando ao diálogo todas as religiões e suas respectivas teologias em igualdade de condições.

A crítica levantada por movimentos sociais considera que o sofrimento do ser humano e da natureza têm sua origem no antropocentrismo e no modelo de desenvolvimento científico tecnológico da Modernidade, que negam sua dignidade, portanto, são a causa de toda forma de opressão de gênero, etnia, religião, orientação sexual e classe social. Sua dimensão é internacional e não apenas local, e isto é um ponto de contato inter-religioso, proporcionado pelo encontro da teologia da libertação com a teologia do pluralismo religioso.

A pluralidade de pobres sofrendores e discriminados (aqui podemos destacar a questão dos imigrantes estereotipados) corresponde à pluralidade de religiões e culturas, por isso, esta proposta procura as dimensões libertadoras nela presente. Nesse sentido, segundo Tamayo (2016), o aspecto soteriológico das religiões abre um grande caminho ao diálogo, pois contempla a luta pela justiça e libertação que é a base transcultural e um local comum compartilhado pelas religiões.

Os teólogos que defendem posturas mais abertas são justamente aqueles que conviveram com diferenças substanciais, ou seja, se distanciaram de seu local geográfico, de sua visão acomodada e experimentaram uma nova realidade, a visão a partir da experiência do Outro, onde o Outro vive, imersos em sua cultura e realidade, elemento que é fundamental para a discussão, como foi dito no início deste artigo.

A conscientização da importância do diálogo e seus objetivos foram desenvolvidos gradativamente, sua recepção traz em seu encaixe as posturas desenvolvidas pela teologia do pluralismo religioso e suas respectivas problemáticas. Mesmo assim, a reivindicação da verdade, de conter o absoluto, e até mesmo ações

voltadas às missões, são convicções e características encontradas em várias religiões, não apenas no cristianismo. O inclusivismo, que ameniza a hostilidade em relação ao Outro, foi a réplica ao modelo exclusivista, já a postura pluralista tem sido a crítica a ambos posicionamentos.

Cada proposta contém grandes avanços na tentativa de fortalecer o diálogo, por isso, uma tipologia que contemple de forma abrangente a diversidade de religiões mundiais não precisa ser mutuamente excludente, pelo contrário, pode haver compatibilidade entre as atitudes, até mesmo uma atitude apologética pode estar presente no diálogo. Mas, para isso, é preciso que se considere qual dimensão religiosa está em discussão e trabalhá-la com atenção aos aspectos cujo preconceito aparece, mais ou menos acentuado.

Deste modo, é possível direcionar esforços para identificar o preconceito arraigado e ultrapassado, com tendências generalizantes, desenvolvidos de forma racional ou não, que ainda prevalecem no imaginário e dão suporte aos valores pessoais, como vimos na descrição de Allport sobre a formação das categorias. Enfim, como cita Usarski (2009), trata-se de uma postura relacionada à dimensão ética, aos elementos doutrinários, às práticas espirituais, aos objetivos soteriológicos? Como é sua relação com aquela que a opõe? É possível retrabalhá-la a partir de uma crítica bem construída?

Na recepção do diálogo fica claro que temas atuais voltados à cooperação e aos valores espirituais, característicos de cada tradição, têm adquirido precedência nos encontros em detrimento dos posicionamentos teológicos. Porém, no esforço de abarcar todas as formas de crença, evidenciando os pontos comuns, ainda há um certo atrito que provem da diversidade cultural e religiosa, pois trazem diferenças também relacionadas à questão dos valores. Além disso, o atrito também ocorre principalmente em decorrência de que tal ponto de vista provém da mentalidade ocidental moderna, que sustenta determinados princípios alocados em categorias universais, que articulam conceitos tendentes às generalizações e simplificam aspectos complexos.

Apesar de tais considerações, *pontos de contato não são necessariamente comuns em sua interpretação*, contudo, podem ser encontrados e articulados em favor do diálogo inter-religioso e do enfraquecimento de questões que refletem ideias que se tornaram hábitos irracionais de pré-julgamento e preconceito.

Conclusão

A comunicação consciente entre aqueles que estão engajados caracteriza o diálogo inter-religioso e aparta desconfianças. Seu sentido não está mais em validar as próprias convicções, mas em promover a autocrítica que abre espaços para transformações e compreensão mútua, e permite estabelecer vínculos duradouros de confiança, essenciais nas relações inter-religiosas. Ambas atitudes se distanciam do pensamento solitário que se retroalimenta em obstinação e orgulho, pois permitem o repensar das relações com os demais, e lançam o desafio de vermos uns aos outros, tanto no nível institucional quanto pessoal, de um modo mais generoso.

Isto torna possível descobrir dimensões essenciais, inclusive da própria tradição, que dão ao diálogo significado e profundidade sem adentrar em práticas sincréticas, em generalizações de pretensões universais, mas consciente de que, o modo como se constroi um pensamento científico, ou seja, a abstração, a crítica e a racionalidade, muito tem a contribuir no combate ao preconceito de origem religiosa, pois se contrapõem aos afetos exagerados, ao *preconceito de amor* e aos valores pessoais quando utilizados de forma negativa, como vimos em Allport.

Portanto, o preconceito religioso em Allport faz parte deste contexto onde a alteridade pode emergir em espaços geográficos distintos e com preconceitos muito específicos. Diante deste fato, diálogo e preconceito se deparam com grandes temas do nosso tempo como as questões de gênero, os estudos pós-coloniais, o meio ambiente, questões relacionadas à ética, ao terrorismo (que se utiliza da fachada religiosa), as migrações e a desigualdade social. O diálogo inter-religioso e o preconceito possuem uma complexa inter-relação que transborda da esfera inter-religiosa para a pessoal e social com seus muros de proteção, todavia, o primeiro tem o potencial de diminuir o fosso entre o mundo religioso e o secular.

Enfim, o presente artigo reconhece que o diálogo inter-religioso tem seus limites e desafios, é o encontro entre aqueles que, cultural, linguística e religiosamente partem de algum lugar carregados de experiências e valores que moldam seus discursos e ações, que precisam ser acolhidos, mas sempre revistos. Sua energia positiva consiste na possibilidade de aprender a ouvir e a reconhecer os múltiplos pontos de vista, pelo fato de que muitas verdades coexistem.

Por isso, é possível considerar o Outro sem caricaturá-lo ou depreciá-lo, distanciando-se das generalizações negativas. Ainda que as categorias façam parte da organização mental do ser humano, estas podem ter aspectos positivos, sobretudo quando constatamos os fatos por outro ângulo que não o nosso. Assim, os discursos geram ações que determinam o sucesso ou não do diálogo inter-religioso. A ignorância pode ceder ao conhecimento do diferente, em projetos e propostas abertos às críticas, sedentos de formular bons problemas e promover bons debates ou, diálogos.

Referências

ALLPORT, W. Gordon. *La naturaleza del prejuicio*. Buenos Aires: Editorial Universidade de Buenos Aires, 1954.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1938.

BALLALAI, Roberto. Notas e subsídios para a análise do discurso (uma contribuição à leitura do discurso da Administração). *Fórum Educacional*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 13 (1-2), p. 56-89, fev./maio 1989.

BASSET, Jean-Claude. *Religiones en Diálogo. El diálogo interreligioso: oportunidad para la fe o decadencia de la misma*. Bilbao: Desclée De Brouwer, S.A; 1999.

DALAI LAMA. *Uma ponte entre as religiões: por uma verdadeira comunhão de fé*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JAPIASSU, Hilton. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KNITTER, Paul. F. *Introdução às Teologias das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008.

TAMAYO, Juan J. *Pluralismo religioso, Teología de las religiones y sus implicaciones en el diálogo inter-religioso*. XXII Congresso de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR Brasil. Outubro, 2016.

TAMAYO, Juan J.; BETANCOURT, Raúl F. (Eds). *Interculturalidad, diálogo inter-religioso y liberación*. I Simposio Internacional de Teología Intercultural e Interreligiosa de la Liberación Barcelona, 11-12 de julio de 2004. Universidad Carlos III de Madrid. Instituto de Derechos Humanos Bartolomé de las Casas. Cátedra de Teología y Ciencias de la Religión “Ignacio Ellacuría”. Estella: Editorial Verbo Divino, 2005.

TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio M. *Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso: A arte do possível*. 9. ed. Aparecida: Editora Santuário, 2011.

USARSKI, Frank. *O Budismo e as outras: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

USARSKI, Frank. *História da Ciência da Religião*. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs). *Compêndio da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso: para uma releitura do pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLFF, Elias. *Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate. Textos e comentários*. São Paulo: Paulinas, 2012.